

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O Pequeno



UM
CLÁSSICO DA
LITERATURA EM
EDIÇÃO
ATUALIZADA

Príncipe

(COM ILUSTRAÇÕES DO AUTOR)

TRADUÇÃO GABRIEL PERISSÉ

autêntica

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O Pequeno Príncipe

(com ilustrações do autor)



autêntica

TRADUÇÃO: GABRIEL PERISSÉ



Para Léon Werth.

Peço perdão às crianças por dedicar este livro a um adulto. Mas existe uma boa razão para isso: esse adulto é o melhor amigo que eu tenho no mundo. Outra razão é que esse adulto tem sensibilidade para compreender qualquer coisa, inclusive os livros para crianças. E tenho ainda uma terceira razão: esse adulto mora na França, onde está passando fome e frio neste momento. Ele precisa receber alguma alegria. Se todas essas razões não forem suficientes, dedico este livro à criança que ele foi um dia. Todos os adultos no início de suas vidas foram crianças. (Mas somente alguns se lembram disso.) Vou então corrigir minha dedicatória:

Para Léon Werth

no tempo em que era menino.

I

Certa vez, quando eu tinha seis anos de idade, vi uma imagem fantástica num livro sobre a floresta virgem. O livro se chamava *Histórias reais*. A ilustração mostrava uma jiboia engolindo um animal. Vejam a cópia que fiz daquele desenho.



O livro dizia o seguinte: “As jiboias devoram suas presas inteiramente, sem mastigar. Depois disso não conseguem se mover e dormem durante seis meses, enquanto fazem a digestão”.

Fiquei um bom tempo pensando nas aventuras da selva e então, com um lápis de cor, consegui fazer meu primeiro desenho. Meu desenho número 1 era assim:

Mostrei minha obra-prima aos adultos, perguntando se sentiam medo ao verem meu desenho.

Eles me responderam:



– Medo? Por causa de um chapéu?

Não era um chapéu. Meu desenho mostrava uma jiboia digerindo um elefante. Então desenhei o interior da jiboia para que os adultos pudessem compreender. Eles sempre precisam de explicações. Meu desenho número 2 ficou assim:



Os adultos me aconselharam a desistir dos desenhos de jiboias abertas ou fechadas e a me interessar por outras coisas, como geografia, história, matemática e gramática. E foi assim que abandonei uma promissora carreira de pintor aos seis anos de idade. Perdi o ânimo ao ver o fracasso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. Os adultos não compreendem nada sozinhos, e é muito cansativo para as crianças ficar explicando, explicando...

Tive que escolher outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei pelo mundo todo, e a verdade é que a geografia me ajudou muito. Bastava bater o olho e eu já sabia se estava sobrevoando a China ou o Arizona. Isso é muito útil quando se está perdido de noite.

Durante minha vida conheci muitas pessoas importantes. Convivi com muitos adultos. Pude vê-los bem de perto. Mas minha opinião sobre eles não melhorou nem um pouco.

Quando encontrava algum adulto que me parecia um pouco mais inteligente, eu fazia com ele a experiência do meu desenho número 1, que sempre guardei comigo. Queria descobrir se ele tinha verdadeira sensibilidade. Mas a resposta era sempre a mesma: "Isso é um chapéu". E então eu não falava nada sobre jiboias, florestas virgens ou estrelas. Eu me colocava no seu nível. E começava a conversar sobre *bridge*, golfe, política e gravatas. E o adulto ficava feliz por conhecer um homem tão sensato.



E assim vivi, solitário, sem ter ninguém com quem pudesse conversar de verdade, até o dia em que deu uma pane no meu avião e fiz um pouso forçado no deserto do Saara. Isto aconteceu faz seis anos. Alguma coisa tinha quebrado no meu motor. E como eu nunca levava comigo nem mecânicos nem passageiros, me preparei para tentar fazer sozinho aquele difícil conserto. Era uma questão de vida ou morte para mim. A reserva de água para beber duraria apenas oito dias.

Na primeira noite, dormi deitado na areia, a milhares de quilômetros de distância de qualquer lugar habitado. Eu estava mais isolado do que um náufrago dentro de um bote no meio do oceano. Imaginem então minha surpresa quando, ao nascer do dia, fui acordado por uma estranha voz de criança, que dizia:

- Por favor... desenhe um carneiro para mim!
- O quê?!
- Desenhe um carneiro para mim...

Levantei de um pulo como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei os olhos com força. Olhei atentamente. E vi um menino fora do comum, que me fitava com grande seriedade. Este é o melhor retrato que, tempos depois, consegui fazer dele.



É claro, porém, que meu desenho está muito menos encantador do que o modelo. O que não é culpa minha. Aos seis anos de idade, fui desestimulado pelos adultos de seguir a carreira de pintor e a única coisa que aprendi a desenhar foram as jiboias fechadas e abertas.

Eu olhava aquela aparição com os olhos arregalados de espanto. Não esqueçam que me encontrava a milhares de quilômetros de distância de qualquer região habitada. Ora, aquele menino não parecia estar perdido, nem morto de cansaço, nem morto de fome, nem morto de sede, nem morto de medo. Não tinha a menor aparência de uma criança perdida no meio do deserto, a milhares de quilômetros de qualquer região habitada. Quando finalmente consegui falar, perguntei:

– Mas... o que você está fazendo aqui?

E então ele voltou a me pedir, em voz baixa, como se fosse um assunto muito sério:

– Por favor... desenha um carneiro para mim...

Quando o mistério é impressionante demais, ninguém tem coragem de desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse a milhares de quilômetros de todos os lugares habitados, por mais que eu estivesse em perigo de morte, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta-tinteiro. Mas foi então que lembrei que tinha estudado principalmente geografia, história, matemática e

gramática, e disse ao menino (com um pouco de mau humor) que eu não sabia desenhar. Ele me respondeu:

– Isso não importa. Desenhe um carneiro para mim.

Como eu nunca havia desenhado um carneiro na vida, fiz para ele uma jiboia fechada, um dos dois únicos desenhos que eu era capaz de fazer. E fiquei atônito ao ouvir o menino reclamar:

– Não! Não! Eu não quero um elefante dentro de uma jiboia. Uma jiboia é muito perigosa, e um elefante é grande demais. Tudo é muito pequeno onde eu moro. Eu preciso de um carneiro. Desenhe um carneiro para mim.

Então eu desenhei.



Ele olhou atentamente, e disse:

– Não! Este carneiro está muito doente. Faça outro. Desenhe outro.



Meu amigo sorriu amavelmente, e disse, cheio de compreensão:

– Veja bem... isso não é um carneiro, é um bode. Olhe os chifres...

Refiz meu desenho.



Mas ele também foi recusado:

– Esse é velho demais. Eu quero um carneiro que viva muito tempo.

Então, já sem paciência, e como estava aflito para começar a desmontar meu motor, rabisquei este desenho.



E disse a primeira coisa que me veio à cabeça:

– Isto é uma caixa. O carneiro que você quer está aqui dentro.

Mas fiquei surpreso ao ver o rosto do meu jovem juiz iluminar-se:

– Era exatamente isso que eu queria! E você acha que esse carneiro vai precisar de muito capim?

– Por quê?

– É que onde eu moro é muito pequeno...

– O capim que tiver será suficiente, não se preocupe. Eu lhe dei um carneiro bem pequeno.

Ele inclinou a cabeça sobre o desenho:

– Não é tão pequeno assim... Olha! Ele está dormindo...

E foi assim que eu conheci o pequeno príncipe.



Precisei de muito tempo para compreender de onde ele tinha vindo. O pequeno príncipe, que me fazia várias perguntas, nunca parecia ouvir as minhas. Foram palavras suas, ditas ao acaso, que pouco a pouco me revelaram tudo.

Por exemplo, quando ele viu meu avião pela primeira vez (não vou desenhar o meu avião aqui porque seria complicado demais para mim), me perguntou:

– O que é essa coisa aí?

– Isto não é uma coisa. Isto voa. É um avião. O meu avião.

Fiquei orgulhoso de lhe dizer que eu podia voar. E então ele exclamou:

– O quê? Você desceu do céu?!

– Sim – disse eu modestamente.

– Nossa, que engraçado!...

E o pequeno príncipe soltou uma sonora gargalhada, o que me irritou bastante. Gosto que minhas desgraças sejam levadas a sério. Depois ele acrescentou:

– Então você também veio do céu! De qual planeta você é?



Foi aí que eu percebi um raio de luz no mistério de sua presença, e lhe perguntei diretamente:

– Quer dizer que você veio de outro planeta?

Mas ele não me respondeu. Balançava a cabeça suavemente, observando meu avião:

– É, em cima disso aí você não conseguiria vir de muito longe, não...

E começou a devanear durante um bom tempo. Em seguida, tirando meu carneiro do bolso, mergulhou na contemplação do seu tesouro.

Vocês podem imaginar o quanto fiquei curioso com aquela meia confidência a respeito de “outros planetas”. Tentei por todos os meios saber um pouco mais:

– De onde você veio, meu menino? Onde fica sua casa? Para onde você pretende levar meu carneiro?

Após algum tempo meditando em silêncio, ele me respondeu:

– O bom disso tudo é que a caixa que você me deu servirá de casa para ele, à noite.

– Claro. E se você se comportar bem, eu lhe darei também uma corda para prender o carneiro durante o dia. E uma estaca onde amarrar a corda.

A proposta pareceu chocar o pequeno príncipe:

– Prendê-lo? Que ideia mais esquisita!

- Mas se você não o prender, ele vai fugir e se perder por aí.
E meu amigo soltou uma nova gargalhada:
 - Mas para onde você acha que ele vai fugir?
 - Sei lá. Para qualquer lugar. Irá andando para a frente...
- Então o pequeno príncipe ficou muito sério e disse:
- Não tem importância. Lá onde eu moro é tão pequeno!
- E, talvez com um pouco de melancolia, acrescentou:
- Andar para a frente não leva ninguém muito longe...



IV

Foi assim que aprendi uma segunda coisa muito importante: seu planeta de origem era pouco maior do que uma casa!

Mas isso não me surpreendeu muito, pois eu já sabia que além dos grandes planetas como a Terra, Júpiter, Marte, Vênus, que receberam nomes, existem centenas de outros que, às vezes, são tão pequenos que mal podem ser vistos pelo telescópio. Quando um astrônomo descobre um deles, lhe dá um número como nome. Por exemplo: “asteroide 325”. Tenho sérios motivos para acreditar que o planeta de onde veio o pequeno príncipe é o asteroide B 612. Esse asteroide foi visto pelo telescópio uma única vez, em 1909, por um astrônomo turco.



Na época, esse astrônomo fez uma grande demonstração de sua descoberta num congresso internacional de astronomia, mas ninguém acreditou nele, por causa das roupas que estava vestindo. Os adultos são assim mesmo.

Felizmente, e foi o que salvou a reputação do asteroide B 612, um ditador turco mandou que o povo passasse a se vestir como os europeus. Quem desobedecesse a essa ordem seria condenado à

morte. O astrônomo repetiu sua demonstração em 1920, trajando uma elegante casaca. E dessa vez todo mundo respeitou sua descoberta.

Se estou contando a vocês esses detalhes sobre o asteroide B 612, e revelando seu número, é por causa dos adultos. Os adultos adoram números. Quando vocês falarem de um novo amigo, os adultos nunca vão perguntar sobre as coisas essenciais. Nunca irão perguntar, por exemplo:



“Qual é o som da voz do seu amigo? Quais as brincadeiras que ele gosta mais? Ele coleciona borboletas?”. Os adultos irão perguntar: “Qual a idade dele? Quantos irmãos ele tem? Quanto ele pesa? Quanto o pai dele ganha?”. Só assim acreditam que podem conhecer uma pessoa. Se vocês disserem aos adultos: “Vi uma linda casa de tijolos cor-de-rosa, com gerânios nas janelas e pombos no telhado...”, eles não conseguirão visualizar essa casa. Será preciso dizer: “Vi uma casa que custa dois milhões de reais”. Aí, sim, eles vão exclamar: “Essa casa deve ser linda!”.



Se vocês disserem aos adultos que “a prova de que o pequeno príncipe realmente existiu é que ele era encantador, que ele ria e

queria um carneiro, e que quando uma pessoa quer um carneiro é porque essa pessoa existe”, eles vão encolher os ombros e dizer que vocês não passam de crianças! Mas se vocês disserem que “o planeta de onde ele veio é o asteroide B 612”, os adultos vão acreditar em tudo, deixando vocês em paz, sem novas perguntas. Eles são assim mesmo. Não devemos ficar zangados por isso. As crianças precisam ter muita paciência com os adultos.

No entanto, nós, que compreendemos o que é mais importante na vida, não estamos presos aos números! Aliás, eu gostaria de ter começado esta história como se fosse um conto de fadas. Gostaria de ter escrito assim:

“Era uma vez um pequeno príncipe que morava num planeta pouco maior do que ele, e que precisava de um amigo...”.

Para quem compreende o que é mais importante na vida, essas palavras criariam um clima muito mais verdadeiro.

Eu não queria que lessem meu livro de modo superficial. Sofro muito escrevendo estas minhas lembranças. Já faz seis anos que meu amigo se foi, levando seu carneiro. Tentei descrevê-lo aqui justamente para não esquecê-lo. É triste esquecer um amigo. Nem todo mundo sabe o que é realmente ter um amigo. E eu corro o risco de me tornar um adulto que só se interessa por números. Foi por isso que comprei um estojo de aquarela e alguns lápis de cor. Não é nada fácil retomar o desenho a esta altura da vida, sobretudo quando as únicas tentativas foram uma jiboia fechada e uma jiboia aberta aos seis anos de idade! É claro que eu estava disposto a fazer os retratos mais semelhantes possíveis à realidade. Mas não tenho certeza se consegui. Alguns desenhos saíram bem, mas outros não se parecem nem um pouco. Eu também me atrapalho com o tamanho dos desenhos. Às vezes o pequeno príncipe saiu muito grande, às vezes saiu muito pequeno. Fico em dúvida também com as cores de suas roupas. Fui tateando aqui e ali, acertando e errando muito. Cometi alguns equívocos em detalhes importantes, mas aqui vocês terão que me perdoar, pois meu amigo nunca me dava explicações. Talvez ele acreditasse que eu fosse igual a ele. Infelizmente, porém, não sei ver carneiros dentro de

caixas. Talvez eu seja um pouco como os adultos. Acho que estou envelhecendo.

V

A cada dia eu aprendia alguma coisa nova sobre seu planeta, sobre sua partida e sua viagem. Mas tudo em ritmo lento, ao sabor das reflexões do pequeno príncipe. Foi assim que, no terceiro dia, tomei conhecimento do drama dos baobás.

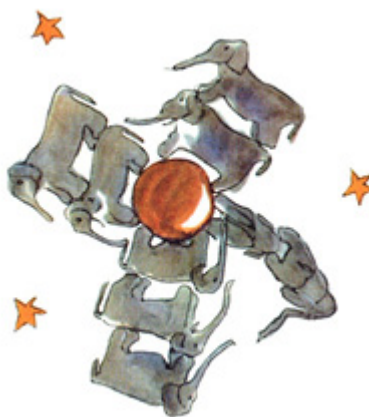
Também dessa vez foi graças ao carneiro, porque de repente o pequeno príncipe me perguntou, como que assaltado por uma dúvida muito séria:

- É verdade que os carneiros comem arbustos?
- Sim, é verdade.
- Ah, que ótimo!

Não entendi por que era tão importante para ele que os carneiros comessem arbustos. Mas o pequeno príncipe acrescentou:

- Então eles também comem os baobás?

Tive de explicar ao pequeno príncipe que os baobás não são arbustos, mas árvores grandes como catedrais, e que mesmo levando com ele uma manada de elefantes, todos esses elefantes não conseguiriam derrubar um único baobá.



A ideia da manada de elefantes fez o pequeno príncipe rir:

– Seria preciso empilhar os elefantes uns em cima dos outros...

Mas observou com agudeza:

– No começo, antes de crescerem, os baobás são pequenos.

– Certamente, mas por que você quer que os seus carneiros comam os pequenos baobás?

Ele me respondeu:

– O tempo dirá! – como se fosse uma coisa evidente por si mesma.

E eu precisei fazer um grande esforço para compreender sozinho essa questão.

De fato, no planeta do pequeno príncipe haveria, como em todos os planetas, plantas boas e plantas ruins. E, como é natural, boas sementes de boas plantas e más sementes de plantas más.



As sementes, no entanto, são invisíveis. Dormem secretamente sob o solo até que uma delas resolva acordar. Essa semente se espreguiça e, no início, timidamente, lança em direção ao sol um gracioso e inofensivo broto. Sendo um broto de rabanete ou o primeiro raminho de uma roseira, podemos deixar que cresça à vontade. Mas se for o broto de uma planta daninha, é preciso arrancá-lo o mais rápido possível, tão logo seja identificado. Ora, havia sementes terríveis no planeta do pequeno príncipe: as

sementes de baobás. O solo do planeta estava infestado dessas sementes. E se o broto do baobá cresce sem que ninguém perceba a tempo, depois é impossível livrar-se dele. O baobá acaba atravancando o planeta inteiro, perfurando-o com suas raízes. E se o planeta for muito pequeno, e se os baobás forem muito numerosos, eles arreventam o planeta.

– É uma questão de disciplina – dizia o pequeno príncipe mais tarde. – Depois de concluída a higiene matinal, é preciso fazer cuidadosamente a higiene do planeta. É preciso se dedicar com força de vontade, regularmente, a arrancar os brotos dos baobás, assim que se percebe que não são brotos de roseiras, com os quais se parecem muito. É um trabalho entediante, mas fácil de realizar.

E um dia ele me aconselhou a fazer, com empenho, um belo desenho, para que as crianças do meu planeta entendessem uma coisa e jamais esquecessem. “Se um dia elas forem viajar, isso poderá ser útil”, me dizia o pequeno príncipe. “De vez em quando não há problema em deixar um trabalho para mais tarde, mas se o assunto são os baobás, adiar a tarefa sempre provocará uma catástrofe. Conheci um planeta habitado por um preguiçoso. Ele se descuidou e deixou passar três arbustos...”.

Seguindo as indicações do pequeno príncipe, desenhei esse planeta. Detesto assumir um tom moralista, mas o perigo dos baobás é tão pouco conhecido, e são tão grandes os riscos que uma pessoa perdida num asteroide corre por causa deles, que, pelo menos desta vez, resolvi abrir uma exceção e dizer: “Crianças! Cuidado com os baobás!”.

Caprichei bastante nesse desenho, com a intenção de alertar meus amigos sobre um perigo que está, faz tempo, muito próximo deles e de mim, sem que tivéssemos a menor consciência disso. Vale a pena prestar atenção ao ensinamento que essa ilustração traz. E talvez vocês me perguntem: “Por que não há, neste livro, outros desenhos tão impressionantes como o desenho dos baobás?”. E a resposta é muito simples: bem que eu tentei, mas não consegui repetir a proeza. Quando desenhei os baobás eu estava impulsionado pelo sentimento da urgência.



VI

Ah, pequeno príncipe! Foi assim, pouco a pouco, que eu compreendi sua existência simples e melancólica. Durante muito tempo, a única distração da sua vida era a doçura do pôr do sol. Aprendi esse novo detalhe no quarto dia, pela manhã, quando você me disse:

- Adoro ver o pôr do sol. Vamos ver o sol se pôr agora?
- Mas ainda é muito cedo, temos de esperar...
- Esperar o quê?
- Esperar que o sol se ponha.

Você primeiro ficou muito surpreso, mas depois riu de si mesmo.

E me disse:

- Eu sempre acho que estou em casa!



Realmente. Todo mundo sabe que quando é meio-dia nos Estados Unidos, o sol está se pondo na França. Bastaria poder ir à França em um minuto para assistir ao pôr do sol. Infelizmente, a França está longe demais. Mas em seu diminuto planeta, meu pequeno príncipe, bastava mover a cadeira alguns passos para a frente, e você já podia contemplar o crepúsculo todas as vezes que desejasse...

– Um dia, eu vi o sol se pôr quarenta e quatro vezes!

E acrescentou logo depois:

– Sabe como é... quando alguém se sente muito triste gosta de ficar olhando o pôr do sol...

– Nesse dia das quarenta e quatro vezes, você estava muito triste, não estava?

Mas o pequeno príncipe não me respondeu.

VII

No quinto dia, sempre graças ao carneiro, outro segredo da vida do pequeno príncipe me foi revelado. Ele me perguntou subitamente, sem rodeios, depois de refletir silenciosamente sobre o problema durante muito tempo:

- Se um carneiro come os arbustos, come também as flores?
- Um carneiro come tudo o que encontra pela frente.
- Até mesmo as flores que têm espinhos?
- Sim. Até mesmo as flores que têm espinhos.
- Então para que servem os espinhos?

Eu não sabia responder. E naquele exato momento eu estava ocupado com meu motor, tentando retirar um parafuso muito apertado. Minha preocupação crescia a cada momento, ao ver que a pane do avião parecia ter sido muito grave. Além disso, a reserva de água para beber estava acabando, o que me fazia temer o pior.

- Para que servem os espinhos?

O pequeno príncipe nunca desistia de uma pergunta que tivesse feito. Irritado com meu parafuso, respondi sem pensar:

– Os espinhos não servem para nada, são pura maldade das flores!

- Oh!

Mas depois de uns instantes de silêncio, ele reagiu, indignado:

– Não acredito no que você diz! As flores são frágeis. São inocentes. Elas se defendem como podem. Pensam que seus espinhos são armas terríveis...

Não respondi nada, pensando comigo mesmo: “Se este parafuso não quiser sair, serei obrigado a arrancá-lo com uma boa

martelada”. O pequeno príncipe atrapalhou de novo minhas reflexões:

– E você acha que as flores...

– Chega! Chega! Eu não acho nada! Eu falei sem pensar. Estou muito ocupado com coisas muito mais sérias!

Ele me olhou, surpreso.

– Coisas muito mais sérias!

O pequeno príncipe me via com o martelo na mão, os dedos sujos de graxa, inclinado sobre um objeto que para ele não tinha a menor graça.

– Você fala como os adultos!

Suas palavras me deixaram um tanto envergonhado. Mas ele, impiedoso, acrescentou:

– Você confunde tudo... você mistura tudo!

Ele estava realmente furioso, com seus cabelos dourados agitados pelo vento.

– Eu conheci um planeta onde vive um homem vermelho como o carmim. Ele nunca sentiu o perfume de uma flor. Nunca contemplou uma estrela. Nunca amou ninguém. A única coisa que sabe fazer são contas de somar. E ele passa o dia todo repetindo, como você: “Eu sou um homem ocupado com coisas sérias! Eu sou um homem ocupado com coisas sérias!”, e isso o enche de orgulho. Mas ele não é um homem, é um cogumelo!

– Um o quê?

– Um cogumelo!

O pequeno príncipe estava pálido de raiva.

– Há milhões de anos as flores produzem espinhos. E, apesar disso, há milhões de anos os carneiros continuam comendo as flores. Você não acha que é uma coisa séria tentar compreender por que as flores se esforçam tanto para produzir espinhos que não servem para nada? Não é uma coisa importante essa guerra entre os carneiros e as flores? Isso tudo não é uma coisa muito mais séria e importante do que as contas de somar de um homem barrigudo, todo vermelho? Você não acha que é uma coisa importante se eu conheço uma flor que é absolutamente única no mundo, que só existe no meu planeta, e que essa flor pode ser destruída numa bela

manhã, assim, numa só mordida, por um carneirinho que não sabe o que faz?

Ele corou e prosseguiu:

– Se alguém ama uma flor que é única no meio de milhões e milhões de estrelas, isso é o suficiente para que ele se sinta feliz quando contempla essas estrelas, dizendo para si mesmo: “Minha flor está aí, em algum lugar...”. Mas se o carneiro come a flor, todas as estrelas se apagam de uma hora para outra! E isso não é uma coisa importante?



Ele não conseguiu dizer mais nada. Subitamente, começou a chorar, soluçando. A noite já tinha caído. Larguei minhas ferramentas. Meu martelo, meu parafuso, a sede e a morte... nada disso tinha agora a menor importância! Naquele instante, numa estrela, num planeta, neste meu planeta Terra, havia um pequeno príncipe para consolar! Eu o peguei nos braços. E comecei a acalenta-lo. E lhe dizia:

– A flor que você ama não corre perigo... Vou desenhar uma focinheira para colocar em seu carneiro... Vou desenhar uma

armadura para a sua flor... Eu...

Eu não sabia mais o que dizer. Estava me sentindo péssimo. Não sabia como me aproximar dele, como me unir a ele... Como é misterioso o país das lágrimas!

VIII

Fui aprendendo rapidamente a conhecer melhor essa flor. Sempre houve, no planeta do pequeno príncipe, flores muito simples, ornadas com uma única fileira de pétalas, flores que não ocupavam muito espaço e não incomodavam ninguém. Desabrochavam numa bela manhã, no meio do capim, e murchavam quando chegava a noite. Mas aquela flor em especial nasceu de uma semente que veio não se sabe de onde, e o pequeno príncipe foi verificar bem de perto aquele broto, que não se parecia com nenhum outro broto. Havia o risco de ser um novo tipo de baobá, mas o raminho logo parou de crescer e começou a anunciar uma flor. O pequeno príncipe, que assistia ao surgimento do enorme botão, pressentia a aparição milagrosa. Mas a flor, escondida em seu quarto verde, nunca terminava de se arrumar. Ela escolhia suas cores com grande cuidado. Vestia-se lentamente, ajeitando suas pétalas uma a uma. Não queria sair toda amarrotada como as papoulas. Desejava aparecer no esplendor máximo de sua beleza. Ah, sim, era uma flor muito vaidosa! Seus misteriosos preparativos duraram muitos dias. Até que, numa bela manhã, exatamente na mesma hora do nascer do sol, ela se mostrou.

E a flor, que tinha se aprontado com tanto capricho, disse, bocejando:

– Ah! Acordei agora há pouco... Desculpe... ainda estou toda despenteada...

O pequeno príncipe não conteve sua admiração:

– Como você é bonita!



– Sou mesmo – respondeu a flor com doçura. – E nasci ao mesmo tempo que o sol...

O pequeno príncipe logo percebeu que ela não primava pela modéstia, mas era tão envolvente!

– Acho que é hora do café da manhã – acrescentou logo em seguida. – Aliás, você teria a bondade de providenciar alguma coisa para mim?

E o pequeno príncipe, meio atrapalhado, foi procurar um regador com água fresca e molhou a flor.



Em pouco tempo, a vaidade um tanto excessiva da flor começou a atormentar o pequeno príncipe. Certo dia, por exemplo, falando de seus quatro espinhos, ela disse:

– Não tenho o menor medo dos tigres e de suas garras!



– Não existem tigres no meu planeta – reagiu o pequeno príncipe. – E, além do mais, tigres não comem plantas.

– Acontece que eu não sou uma planta – respondeu a flor suavemente.

– Perdão...

– Não tenho medo de tigres, mas tenho pavor de correntes de ar. Você não teria aí um biombo?

– Pavor de correntes de ar... de fato, isso não faz bem para uma planta – refletiu o pequeno príncipe. – Mas que essa flor é complicada, isso ela é...

– E outra coisa: de noite, você me colocará dentro de uma redoma de vidro. Faz muito frio neste seu planeta, que não é nada confortável. De onde eu venho...



Mas nesse ponto ela se calou, pois tinha vindo de uma semente e não conhecia nenhum outro mundo. Encabulada pela mentira tão boba que estava prestes a dizer, tossiu duas ou três vezes para fazer o pequeno príncipe se sentir culpado:

– E o biombo, onde está?...

– Eu ia buscar, mas você ainda estava falando comigo!

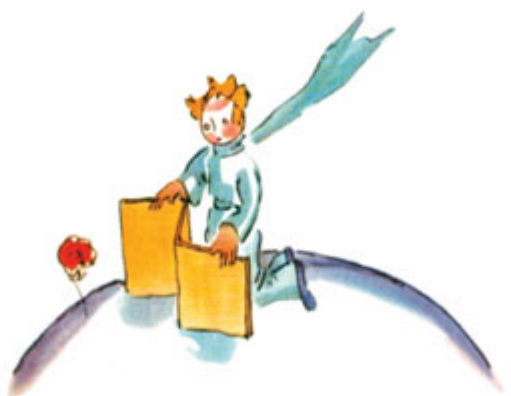
Ela então forçou a tosse um pouco mais, para que o pequeno príncipe ficasse realmente com remorsos.

E foi assim que o pequeno príncipe, apesar da generosidade do seu amor, começou a duvidar das intenções da flor. Levar a sério palavras sem importância deixou-o muito triste.

– Eu não deveria ter dado ouvidos a ela – ele me confidenciou certa vez. – Nunca se deve dar ouvidos às flores. Basta contemplá-las e sentir seu perfume. A minha flor enchia meu planeta de perfume, e eu não soube me contentar com isso. Aquela história das garras dos tigres que me deixou tão nervoso deveria ter apenas despertado meu carinho...

E me confidenciou ainda:

– Fui incapaz de entendê-la! Eu não deveria ter julgado a flor por suas palavras, mas por suas ações. Ela me oferecia seu perfume e me enchia de alegria. Eu jamais deveria tê-la abandonado! O certo mesmo era eu ter percebido sua ternura por trás daqueles truques bobos. As flores são tão contraditórias! Mas eu era jovem demais para saber amá-la.



IX

Acho que o pequeno príncipe aproveitou uma migração de pássaros selvagens para fugir. Na manhã da partida, colocou seu planeta em ordem. Limpou cuidadosamente os vulcões em atividade. Ele tinha dois vulcões em atividade. Eram ótimos para esquentar o café da manhã. E tinha também um vulcão extinto. Mas, como ele sempre dizia, nunca se sabe, e por isso limpava também o vulcão extinto. Quando estão bem limpos, os vulcões fumegam suave e regularmente, sem erupções. As erupções vulcânicas são como as lareiras acesas. É evidente que na Terra somos pequenos demais para limpar nossos vulcões, e é por isso que nos causam tantos desgostos.

O pequeno príncipe arrancou também, com uma certa tristeza no coração, os últimos brotos de baobás. Pensava nunca mais voltar ao seu planeta. Todas aquelas atividades, tão familiares, lhe pareciam extremamente suaves naquela manhã. E quando regou a flor pela última vez, e já ia colocá-la sob a proteção da redoma de vidro, sentiu que estava a ponto de chorar.

– Adeus – disse à flor.

Mas ela não respondeu.

– Adeus – ele repetiu.

A flor tossiu. Mas não era por causa do resfriado.

– Eu fui uma tola – disse ela, finalmente. – Peço desculpas. Espero que você seja feliz.

Ele estranhou a ausência de reclamações. O pequeno príncipe estava ali, perplexo, segurando a redoma no ar. Não compreendia aquela doce tranquilidade da flor.

– Ah, sim, eu amo você – disse a flor. – Se nunca percebeu, a culpa foi minha. Mas isso agora não tem a menor importância. Você foi tão tolo quanto eu. Espero que seja feliz... E pode deixar essa redoma em paz. Não quero mais saber dela.

– Mas o vento...

– Não estou tão resfriada assim... O ar fresco da noite me fará muito bem. Eu sou uma flor.

– Mas os animais...

– Preciso suportar duas ou três lagartas se quiser conhecer as borboletas. Dizem que elas são muito bonitas. Caso contrário, quem virá me visitar? Você estará bem longe daqui. Quanto aos grandes animais, não tenho medo deles. Aqui estão as minhas garras.

E ela mostrou ingenuamente os seus quatro espinhos. E acrescentou:

– Que irritante tudo isso! Não perca mais seu tempo. Você decidiu ir embora. Então vá embora de uma vez.

Disse isso porque não queria que ele a visse chorar. Era uma flor extremamente orgulhosa...



X

O pequeno príncipe se encontrava na região dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330. E foram esses os que começou a visitar, em busca de trabalho e para aprender coisas novas.

O primeiro asteroide era habitado por um rei. Vestido de púrpura e arminho, o rei estava sentado num trono muito simples porém majestoso.



– Ah, eis aí um súdito! – exclamou o rei ao ver o pequeno príncipe. E este pensou: “Como poderá me reconhecer, se nunca me viu antes?”. Não sabia o pequeno príncipe que, para os reis, o mundo é muito simples. Todos os seres humanos são seus súditos.

– Aproxime-se para que eu o veja melhor – disse o rei, todo orgulhoso de, finalmente, poder ser o rei de alguém.

O pequeno príncipe procurou com os olhos um lugar para se sentar, mas o planeta estava todo coberto pelo magnífico manto de arminho. Por isso continuou de pé e, como estava muito cansado, bocejou.

– É contra a etiqueta bocejar na presença de um rei – disse o monarca. – Eu o proíbo de bocejar!

– Não posso evitar o bocejo – respondeu o pequeno príncipe, muito constrangido. – Fiz uma longa viagem e não consegui dormir...

– Então – disse o rei – eu ordeno que você boceje. Não vejo ninguém bocejar há muitos anos. Os bocejos são uma raridade para mim. Vamos! Boceje de novo. Isso é uma ordem!

– Assim eu fico inibido... e já não consigo bocejar... – explicou o pequeno príncipe, ruborizado.

– Hum! Hum! – respondeu o rei. – Então eu... eu ordeno que às vezes você boceje e às vezes...

Ele gaguejava um pouco e parecia envergonhado. Pois era essencial para o rei que sua autoridade fosse respeitada. Não tolerava a desobediência. Era um monarca absoluto. Mas, como era muito bom, dava ordens razoáveis.

O rei costumava dizer:

– Se eu ordenasse a um general que se transformasse numa gaivota, e ele não obedecesse, não seria culpa do general. A culpa seria minha.

– Posso me sentar? – perguntou o pequeno príncipe, timidamente.

– Ordeno que você se sente! – respondeu o rei, puxando majestosamente a borda do seu manto de arminho.

Mas o pequeno príncipe estava perplexo ao ver como era pequeno aquele planeta. Sobre que coisas aquele rei poderia reinar?

– Majestade... – disse o pequeno príncipe – perdoe-me por perguntar...

– Eu ordeno que você pergunte – o rei se apressou a dizer.

- Majestade... sobre o que o senhor reina?
- Sobre tudo – respondeu o rei com grande simplicidade.
- Sobre tudo?

Com um gesto contido, o rei indicou seu planeta, os outros planetas e as estrelas.

- Sobre tudo isso? – perguntou o pequeno príncipe.
- Sobre tudo isso – respondeu o rei.

Pois não era apenas um monarca absoluto, mas também um monarca universal.

- E as estrelas lhe obedecem?
- É claro – disse o rei. – Elas me obedecem imediatamente. Não tolero indisciplina...

Todo aquele poder deixou o pequeno príncipe maravilhado. Se tivesse o mesmo poder, poderia ver o sol se pôr no mesmo dia não apenas quarenta e quatro vezes, mas setenta e duas vezes, ou mesmo cem, ou até mesmo duzentas vezes, sem precisar mover sua cadeira! E sentindo-se um pouco triste por ter se lembrado do seu pequeno planeta abandonado, ousou pedir ao rei uma graça:

- Eu queria ver um pôr do sol... Peço-lhe essa pequena alegria... Ordene ao sol que se ponha...

– Se eu ordenasse a um general que voasse de flor em flor como uma borboleta, ou escrevesse uma peça de teatro, ou se transformasse numa gaivota, e ele não executasse a ordem recebida, qual de nós dois, eu ou o general, estaria errado?

- O senhor – disse o pequeno príncipe com firmeza.
- Exatamente! É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar – replicou o rei. – A autoridade se fundamenta, antes de tudo, sobre a razão. Se você ordenar ao seu povo que se jogue dentro do mar, o povo se revoltará. Eu tenho o direito de exigir obediência porque minhas ordens são razoáveis.

– E o meu pôr do sol? – lembrou o pequeno príncipe, que nunca esquecia uma pergunta que tivesse feito.

– Você terá o seu pôr do sol. Eu o exigirei. Mas, baseado em minha longa experiência de governante, devo aguardar as condições favoráveis.

- E quando será isso? – indagou o pequeno príncipe.

– Hein? É... – o rei hesitou, consultando um enorme calendário astronômico. – Hein? É... Vamos ver... Isso será por volta de... Isso será por volta das sete horas e quarenta minutos da noite! E então você verá como o sol me obedece.

O pequeno príncipe bocejou. Que falta lhe fazia seu pôr do sol! Na verdade, já estava um pouco entediado com tudo aquilo:

– Não tenho mais nada a fazer aqui – disse ao rei. – Vou embora!

– Não vá! – retrucou o rei, que estava todo orgulhoso de ter um súdito. – Não vá, farei de você um ministro!

– Ministro do quê?

– Ministro do... Ministro da Justiça!

– Mas não há ninguém aqui para julgar!

– Nunca se sabe – disse o rei. – Ainda não percorri todo o meu reino. Estou muito velho, caminhar me deixa exausto, e não disponho de uma carruagem.

– Oh! Mas eu já vi – disse o pequeno príncipe, que se inclinou para olhar de novo o outro lado do planeta. – Não há mais ninguém do outro lado.

– Você então julgará a si mesmo – disse o rei. – Essa é a tarefa mais difícil. É muito mais difícil julgar a si mesmo do que julgar as outras pessoas. Se você conseguir julgar a si mesmo corretamente, demonstrará ser um verdadeiro sábio.

– Posso julgar a mim mesmo em qualquer lugar – replicou o pequeno príncipe. – Não preciso morar aqui.

– Hein? É... – disse o rei. – Acho que em algum canto do meu planeta há um velho rato. Ouço seus barulhos toda noite. Você poderá julgar esse velho rato. Você o condenará à morte de vez em quando. A vida desse rato dependerá do seu julgamento. Mas você o perdoará todas as vezes, para conservá-lo. Não há mais ninguém para ser julgado além dele.

– Não gosto de condenar ninguém à morte – respondeu o pequeno príncipe. – E acho que preciso ir embora mesmo.

– Não! – disse o rei.

O pequeno príncipe terminou seus preparativos, mas não queria ferir os sentimentos do velho monarca:

– Se Vossa Majestade deseja ser obedecido sempre e imediatamente, poderia me dar uma ordem razoável agora. Poderia me ordenar, por exemplo, que eu fosse embora dentro de um minuto. Acho que as condições são favoráveis...

Como o rei permanecesse calado, o pequeno príncipe, depois de hesitar um pouco, soltou um suspiro e começou a sair...

– Eu farei de você o meu embaixador! – apressou-se a gritar o rei, parecendo possuir uma grande autoridade.

“Os adultos são muito estranhos”, pensava o pequeno príncipe durante sua viagem.

XI

O segundo planeta era habitado por um vaidoso:

– Opa! Um admirador veio me visitar! – exclamou de longe o vaidoso, ao ver o pequeno príncipe se aproximando. Porque os vaidosos acham que todas as pessoas os admiram.

– Bom dia – disse o pequeno príncipe. – Você tem um chapéu engraçado.

– É para cumprimentar as pessoas que me aplaudem. Infelizmente, nunca passa ninguém por aqui.

– Ah, é? – disse o pequeno príncipe, sem entender nada.

– Bata suas mãos uma na outra – aconselhou então o vaidoso.

O pequeno príncipe bateu suas mãos uma na outra. O vaidoso, levantando seu chapéu, o cumprimentou modestamente.

“Isto é mais divertido do que visitar o rei”, pensou o pequeno príncipe. E recomeçou a bater as mãos uma na outra. E o vaidoso voltou a cumprimentá-lo, levantando seu chapéu.

Depois de cinco minutos de exercício, o pequeno príncipe se cansou com a monotonia daquela brincadeira:

– E para o chapéu cair, o que é preciso fazer? – perguntou ele.

Mas o vaidoso se fez de surdo. Os vaidosos só ouvem os elogios.



– Você realmente me admira muito? – perguntou ele ao pequeno príncipe.

– O que significa “admirar”?

– “Admirar” significa reconhecer que eu sou o homem mais belo, o mais bem-vestido, o mais rico e o mais inteligente do planeta.

– Mas você é o único habitante do seu planeta!

– Faça-me esta gentileza. Admire-me assim mesmo!

– Eu até posso admirá-lo – disse o pequeno príncipe, erguendo um pouco os ombros. – Mas o que você ganhará com isso?

E o pequeno príncipe se foi daquele lugar.

“Os adultos são de fato muito estranhos”, dizia para si mesmo durante a viagem.

XII

O planeta seguinte era habitado por um bêbado. Essa visita foi muito breve, mas mergulhou o pequeno príncipe numa profunda tristeza:

– O que você está fazendo? – perguntou ele ao bêbado, que se encontrava instalado numa mesa, em silêncio, diante de um monte de garrafas vazias e um outro monte de garrafas cheias.

– Eu bebo – respondeu o bêbado com o rosto sombrio.

– Por que você bebe? – indagou o pequeno príncipe.

– Para esquecer – respondeu o bêbado.



– Para esquecer o quê? – inquiriu o pequeno príncipe, já sentindo pena daquele homem.

– Para esquecer que tenho vergonha – confessou o bêbado, baixando a cabeça.

– Vergonha de quê? – insistiu o pequeno príncipe, com vontade de ajudá-lo.

– Vergonha de beber! – concluiu o bêbado, fechando-se definitivamente em seu silêncio.

E o pequeno príncipe foi embora, perplexo.

“Os adultos são muito, muito estranhos”, dizia consigo mesmo durante a viagem.

XIII

O quarto planeta pertencia ao empresário. Esse homem estava tão ocupado que sequer levantou a cabeça quando o pequeno príncipe chegou.

– Bom dia – disse-lhe o pequeno príncipe. – Seu cigarro está apagado.

– Três mais dois igual a cinco. Cinco mais sete igual a doze. Doze mais três, quinze. Bom dia. Quinze mais sete igual a vinte e dois. Vinte e dois mais seis, vinte e oito. Não tenho tempo para acendê-lo de novo. Vinte e seis mais cinco, trinta e um. Ufa! O total, portanto, é de quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e um.

– Quinhentos milhões de quê?

– Hein? Você ainda está aí? Quinhentos e um milhões de... eu já nem sei mais... Tenho trabalhado tanto! Sou um homem sério e não perco tempo com bobagens! Dois mais cinco igual a sete...

– Quinhentos e um milhões de quê? – repetiu o pequeno príncipe, que nunca em sua vida desistiu de uma pergunta que tivesse feito.



O empresário levantou a cabeça:

– Há cinquenta e quatro anos eu moro neste planeta e só fui interrompido em meu trabalho três vezes. A primeira vez, faz vinte e dois anos, por um besouro que veio sabe-se lá de onde. Ele fazia um barulho terrível, e cometi quatro erros em uma soma. A segunda vez, faz onze anos, por uma crise de reumatismo. Isso é falta de exercício físico, e também não tenho tempo para passeios. Sou um homem muito ocupado com coisas sérias. A terceira vez... foi por você, agora! Eu dizia, portanto, quinhentos e um milhões...

– Milhões de quê?

O empresário compreendeu que aquele menino não o deixaria em paz tão cedo:

– Milhões dessas coisinhas que costumam aparecer no céu.

– Moscas?

– Lógico que não, essas coisinhas que chamam a atenção.

– Abelhas?

– Não, não! Essas coisinhas douradas que fazem os desocupados sonharem acordados. Mas como eu sou um homem que só se preocupa com coisas sérias, não tenho tempo para sonhar acordado.

– Ah, estrelas?

– Isso mesmo. Estrelas.

– E o que você faz com esses quinhentos milhões de estrelas?

– O total é de quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e um. Gosto de ser preciso, pois sou um homem sério.

– E o que você faz com essas estrelas?

– O que faço com elas?

– Sim.

– Nada. Elas são minhas.

– Elas são suas?

– Sim.

– Mas eu conheci um rei que...

– Os reis não têm nada. Eles “reinem” sobre as coisas. É algo muito diferente.

– E o que adianta ter as estrelas?

– Isso me torna um homem rico.

– E o que adianta ser rico?

– Sendo rico, posso comprar outras estrelas que alguém tiver encontrado.

“O raciocínio desse aí”, disse o pequeno príncipe consigo mesmo, “é parecido com o do bêbado.”

No entanto, fez ainda outras perguntas:

– Como alguém pode ter estrelas?

– De quem elas são? – replicou o empresário, já irritado.

– Não sei. Não são de ninguém.

– Então elas são minhas, porque fui eu quem pensou primeiro em possuí-las.

– E isso é suficiente?

– Lógico! Quando você encontra um diamante que não é de ninguém, ele passa a ser seu. Quando você encontra uma ilha que não pertence a ninguém, ela passa a ser sua. Quando você tem uma ideia antes de todo mundo, você pode patentear-la: ela é sua. Eu possuo as estrelas, pois nunca ninguém antes de mim teve a ideia de possuí-las.

– É verdade – reconheceu o pequeno príncipe. – E o que você faz com elas?

– Eu as administro. Eu as conto e reconto – explicou o empresário. – É uma tarefa complexa. Mas sou um homem sério!

O pequeno príncipe ainda não se dava por satisfeito.

– Olha, se tenho um lenço de seda, posso usá-lo ao redor do meu pescoço e levá-lo comigo. Se possuo uma flor, posso colher minha flor e levá-la comigo. Mas você não pode colher as estrelas!

– Não, mas eu posso depositá-las no banco.

– Como assim?

– Eu escrevo num pedaço de papel o número de minhas estrelas e depois eu ponho esse papel numa gaveta e a tranco à chave.

– Só isso?

– Isso é o suficiente!

“Que divertido”, pensou o pequeno príncipe. “É até bastante poético, mas não parece muito sério.”

A visão do pequeno príncipe sobre as coisas sérias era muito diferente da visão dos adultos.

– Eu tenho uma flor – disse ainda o pequeno príncipe – que rego todos os dias. Tenho três vulcões que limpo todas as semanas. Limpo inclusive o vulcão que está extinto, pois nunca se sabe. É bom para os meus vulcões e para a minha flor que eu os possua. Mas você não faz nada de bom para as estrelas...

O empresário abriu a boca mas não encontrou palavras para argumentar, e o pequeno príncipe foi embora daquele planeta.

“Os adultos são, sem dúvida, surpreendentes”, dizia para si mesmo o pequeno príncipe, durante a viagem.

XIV

O quinto planeta era muito estranho. Era o menor de todos. Nele só cabiam um lampião e um acendedor de lampiões. O pequeno príncipe não conseguia entender para que serviriam, no meio do universo, num planeta sem casas e sem população, um lampião e um acendedor de lampiões. No entanto, disse consigo mesmo:

“Pode até ser que este homem seja um tolo, mas é menos tolo do que o rei, o vaidoso, o empresário e o bêbado. Pelo menos seu trabalho tem uma razão de ser. Quando acende o lampião é como se fizesse uma nova estrela nascer, ou uma nova flor. E quando apaga o lampião é como se pusesse a flor ou a estrela para dormirem. É uma bela ocupação. E, por ser tão bela, é muito útil também.”

Assim que chegou ao planeta, cumprimentou respeitosamente o acendedor de lampiões:

– Bom dia! Por que você acabou de apagar o seu lampião?

– É o que manda o regulamento – respondeu o acendedor. – Bom dia!

– E o que o regulamento manda fazer?

– Manda eu apagar o lampião. Boa noite!

E o acendeu de novo.

– Mas por que você o acendeu agora?

– É o que manda o regulamento – respondeu o acendedor.

– Eu não estou entendendo – disse o pequeno príncipe.

– Não é preciso entender nada – disse o acendedor. – Regulamento é regulamento. Bom dia!



E apagou o lampião.

Depois enxugou a testa com um lenço xadrez vermelho.

– Meu trabalho é terrível. No passado era mais tranquilo. Eu apagava o lampião de manhã e o acendia à noite. Eu tinha o resto do dia para descansar, e o resto da noite para dormir...

– E depois dessa época o regulamento mudou?

– O regulamento não mudou – disse o acendedor – e esse é o meu problema! O planeta começou a girar mais rápido a cada ano, e o regulamento não mudou!

– E o que aconteceu então? – perguntou o pequeno príncipe.

– O que aconteceu é que o planeta agora dá uma volta a cada minuto, e não tenho mais um segundo de descanso. Preciso acender e apagar o lampião uma vez por minuto!

– Que engraçado! Os dias em seu planeta duram apenas um minuto!

– Engraçado coisa nenhuma! – disse o acendedor. – Já faz um mês que estamos conversando.

– Um mês?

– Sim. Trinta minutos. Trinta dias! Boa noite!

E acendeu o lampião.

O pequeno príncipe o olhou com atenção e gostou daquele acendedor tão fiel ao regulamento. Lembrou-se de quando fazia o sol se pôr várias vezes, simplesmente avançando a cadeira. Na tentativa de ajudar seu amigo, disse:

– Olha, conheço uma forma de você descansar quando quiser...

– Eu sempre quero descansar – disse o acendedor.

Sim, é possível uma pessoa ser trabalhadora e preguiçosa ao mesmo tempo.

O pequeno príncipe prosseguiu:

– Seu planeta é tão pequeno que com três passos você consegue dar a volta nele. Só será preciso andar bem devagar para se manter debaixo do sol. Quando quiser descansar, você andarà lentamente... e o dia continuará claro o tempo que desejar.

– Isso não vai adiantar muito – disse o acendedor. – O que eu mais gosto de fazer na vida é dormir.

– Então não tem jeito – disse o pequeno príncipe.

– É, não tem jeito mesmo – disse o acendedor. – Bom dia!

E apagou o lampião.

“Esse homem”, pensou o pequeno príncipe enquanto continuava sua longa viagem, “seria desprezado pelos outros, pelo rei, pelo vaidoso, pelo bêbado e pelo empresário. No entanto, ele é o único adulto que não me parece ridículo, talvez porque se dedica a fazer uma coisa sem se preocupar apenas com seus próprios interesses.”

Soltou um suspiro de tristeza e concluiu:

“Este é o único adulto que poderia ser meu amigo. Mas seu planeta é pequeno demais, e ali não há lugar para duas pessoas...”.

O que o pequeno príncipe não ousava admitir é que gostaria de ter ficado naquele planeta especialmente abençoado pelas mil quatrocentas e quarenta vezes em que o sol se punha num só dia!

XV

O sexto planeta era dez vezes maior do que o anterior. E era habitado por um senhor de muita idade que escrevia em livros enormes.

– Vejam só! Aí temos um explorador! – exclamou ele ao avistar o pequeno príncipe.

O pequeno príncipe sentou-se à mesa. Estava ofegante, pois tinha viajado bastante!

– De onde você vem? – perguntou-lhe o velho senhor.

– Que livro grande é esse? – disse o pequeno príncipe. – E qual é sua atividade?

– Sou um geógrafo – disse o velho senhor.

– E o que é um geógrafo?



– É um estudioso que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas e os desertos.

– Isso é muito interessante – disse o pequeno príncipe. – Finalmente encontrei um verdadeiro trabalho! – E lançou um olhar ao redor para contemplar o planeta do geógrafo. Nunca tinha visto um planeta tão grande.

– Seu planeta é muito bonito. Existem oceanos nele?

– Não tenho como saber – disse o geógrafo.

– Ah! – (O pequeno príncipe ficou decepcionado.) – E montanhas?

– Não tenho como saber – disse o geógrafo.

– E cidades, e rios, e desertos?

– Também não tenho como saber – disse o geógrafo.

– Mas você não é geógrafo?

– Exatamente – disse o geógrafo – Mas não sou explorador. Estou sem nenhum explorador. Não é o geógrafo que vai explorar as cidades, os rios, as montanhas, os mares, os oceanos e os desertos. O geógrafo é importante demais para ficar passeando por aí. Ele nunca sai do seu escritório. Mas recebe a visita dos exploradores, e lhes faz perguntas, anotando o que eles lembram ter visto. E se o que um explorador lembra parece ser interessante, o geógrafo terá de investigar a idoneidade desse explorador.

– Por quê?

– Porque um explorador que mentisse provocaria catástrofes nos livros de geografia. Também seria desastroso um explorador que bebesse muito.

– Por quê? – indagou o pequeno príncipe.

– Porque os bêbados veem tudo em dobro. E aí o geógrafo anotaria que existem duas montanhas onde na verdade só existe uma.

– Eu conheço alguém – disse o pequeno príncipe – que seria um péssimo explorador.

– É possível. Bem, quando se constata que o explorador tem idoneidade, é feita uma pesquisa sobre sua descoberta.

– Alguém vai até lá?

– Não. Seria muito complicado. Mas pede-se ao explorador que forneça as provas. Se, por exemplo, ele diz que descobriu uma grande montanha, pede-se que ele mostre grandes pedras.

O geógrafo subitamente se calou.

– Mas aqui está você! Você veio de longe, não veio? Logo, você é um explorador! Descreva-me seu planeta!

O geógrafo abriu seu livro de registros e apontou o lápis. Inicialmente anotam-se a lápis os relatos dos exploradores. Antes de se anotar com a caneta, espera-se que o explorador forneça as provas.

– Vamos começar? – interrogou o geógrafo.

– Oh! Meu planeta não tem nada de interessante – disse o pequeno príncipe – é muito pequeno. Tenho três vulcões. Dois vulcões em atividade e um vulcão extinto. Mas nunca se sabe.

– Nunca se sabe – disse o geógrafo.

– Tenho também uma flor.

– As flores nós não anotamos – informou o geógrafo.

– Por que não?! É o que existe de mais belo!

– É que as flores são efêmeras.

– O que significa “efêmera”?

– Os livros de geografia – disse o geógrafo – são os livros mais confiáveis entre todos os livros. Eles nunca ficam desatualizados. É muito raro uma montanha mudar de lugar. É muito raro um oceano se esvaziar. Nós registramos coisas eternas.

– Mas os vulcões extintos podem despertar – interrompeu o pequeno príncipe. – O que significa “efêmera”?

– Para nós, geógrafos, tanto faz que os vulcões estejam extintos ou ativos – disse o geógrafo. – O mais importante para nós é a montanha. Essa nunca sofre mudanças.

– Mas o que significa “efêmera”? – repetiu o pequeno príncipe que, em toda a sua vida, nunca desistiu de uma pergunta que tivesse feito.

– Significa “uma coisa ameaçada de desaparecer em breve”.

– Então minha flor está ameaçada de desaparecer em breve?

– Certamente.

“Minha flor é efêmera”, refletiu o pequeno príncipe “e só tem quatro espinhos para se defender do mundo! E eu a deixei sozinha no meu planeta!”.

Essa foi sua primeira reação de arrependimento. Mas, recobrando a coragem, perguntou:

– Que planeta você me aconselha visitar?

– O planeta Terra – respondeu-lhe o geógrafo. – Tem uma boa reputação...

E o pequeno príncipe se foi, pensando em sua flor.



XVI

O sétimo planeta foi, portanto, a Terra.

A Terra não é um planeta como outro qualquer. Existem nele cento e onze reis (não se devendo esquecer, é óbvio, os reis negros), sete mil geógrafos, novecentos mil empresários, sete milhões e meio de bêbados, trezentos e onze milhões de vaidosos, ou seja, um total de mais ou menos dois bilhões de adultos.

Para vocês terem uma ideia do tamanho da Terra, devo dizer que antes da invenção da eletricidade era preciso manter, no conjunto dos seis continentes, um verdadeiro exército de quatrocentos e sessenta e dois mil, quinhentos e onze acendedores de lampiões.

Vistos a uma certa distância, todos esses lampiões acendendo produziam um efeito maravilhoso. Os movimentos desse exército de acendedores de lampiões eram ritmados como os de um balé clássico. Primeiro, era a vez dos acendedores de lampiões da Nova Zelândia e da Austrália. Depois que eles acendiam seus lampiões, todos iam dormir. A seguir, era a vez de entrarem na dança os acendedores de lampiões da China e da Sibéria. E esses também se recolhiam aos bastidores após concluírem sua tarefa. Vinham então os acendedores de lampiões da Rússia e da Índia. Depois os acendedores da África e da Europa. Depois, os da América do Sul. Depois, os da América do Norte. E nenhum deles errava sua hora de entrar em cena. Era fabuloso!

Somente o acendedor do único lampião do Polo Norte e seu colega do único lampião do Polo Sul levavam uma vida de grande ociosidade e indolência: trabalhavam apenas duas vezes por ano.

XVII

Quando queremos impressionar alguém, acabamos, às vezes, mentindo um pouco. Não fui muito sincero com vocês ao falar dos acendedores de lampiões. É bem provável que eu tenha dado uma falsa ideia sobre o nosso planeta para aqueles que não o conhecem. Na verdade, os seres humanos não ocupam tanto espaço assim na Terra. Se os dois bilhões de habitantes¹ que povoam a Terra se juntassem um ao lado do outro como se fossem fazer um comício, caberiam facilmente numa praça pública de trinta quilômetros de comprimento por trinta quilômetros de largura. Poderíamos amontoar a humanidade inteira numa ilhazinha do oceano Pacífico.

É claro que os adultos não acreditarão nisso. Eles acham que precisam ocupar um espaço muito grande. Eles se consideram importantes como os baobás. Então vocês terão de aconselhar os adultos a fazerem as contas. Como eles adoram números, ficarão contentes com essa tarefa. Mas vocês não percam tempo fazendo contas. É inútil. Basta confiarem em mim.

Ao chegar à Terra, portanto, o pequeno príncipe ficou muito surpreso por não ver ninguém. Ele já receava ter errado de planeta, quando um anel da cor da lua se moveu na areia.

- Boa noite – disse o pequeno príncipe, por via das dúvidas.
- Boa noite – respondeu a serpente.
- Em que planeta eu descii? – perguntou o pequeno príncipe.
- Na Terra, mais precisamente na África – respondeu a serpente.
- Ah!... E não mora ninguém na Terra?



– Estamos no deserto, e nos desertos não há ninguém. A Terra é grande – disse a serpente.

O pequeno príncipe sentou-se numa pedra e olhou para o céu:

– Eu fico pensando – disse ele – se as estrelas não brilham justamente para que cada pessoa reencontre a sua um dia. Olhe o meu planeta. Ele está agora exatamente sobre nós... Mas como está longe!

– Belo planeta! – disse a serpente. – O que você veio fazer aqui?

– Tive problemas com uma flor – disse o pequeno príncipe.

– Ah! – exclamou a serpente.

E os dois se calaram.

– Onde estão os seres humanos? – retomou enfim o pequeno príncipe. – É meio solitário aqui no deserto...

– Também existe solidão entre os seres humanos – disse a serpente.

O pequeno príncipe observou a serpente durante um bom tempo:

– Você é um bicho engraçado – disse ele –, fino como um dedo...

– Mas sou mais poderosa do que o dedo de um rei – disse a serpente.

O pequeno príncipe sorriu:

– Você não tem tanto poder assim... nem patas você tem... você não conseguiria viajar para muito longe...

– Posso levar você mais longe do que um navio – disse a serpente.

A serpente enroscou-se no tornozelo do pequeno príncipe como um bracelete de ouro:

– Aquele que eu toco retorna à terra de onde veio – prosseguiu a serpente. – Mas você é puro, e veio de uma estrela...

O pequeno príncipe nada respondeu.

– Sinto pena de você. Você aí, tão frágil, nesta Terra de granito. Posso ajudá-lo se um dia você sentir muita saudade do seu planeta. Posso...

– Oh! Já entendi – disse o pequeno príncipe –, mas por que você fala sempre por enigmas?

– Eu decifro todos os enigmas – disse a serpente.

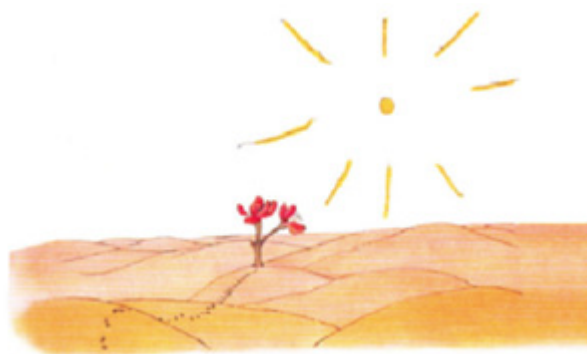
E os dois ficaram em silêncio.

¹. Esse número se refere à época em que este livro foi publicado, 1943. Atualmente, a população do planeta gira em torno de 7,2 bilhões de pessoas. (N.E.)

XVIII

O pequeno príncipe atravessou o deserto e só encontrou uma flor. Uma flor de três pétalas, uma florzinha de nada...

- Bom dia – disse o pequeno príncipe.
- Bom dia – disse a flor.
- Onde estão os seres humanos? – perguntou o pequeno príncipe educadamente.



Certa vez, a flor tinha visto passar por ali uma caravana:

– Os seres humanos? Acho que existem uns seis ou sete. Eu os vi faz alguns anos. Mas é muito difícil encontrá-los. O vento os leva para todos os lados. Eles não têm raízes, o que é um grande problema.

- Adeus! – disse o pequeno príncipe.
- Adeus! – disse a flor.

XIX

O pequeno príncipe escalou uma montanha bem alta. As únicas montanhas que ele conhecia até então eram os três vulcões, que chegavam à altura dos seus joelhos. E ele usava o vulcão extinto como um banquinho para se sentar. “De uma montanha tão alta como esta”, pensou consigo mesmo, “poderei ver o planeta inteiro e descobrir onde estão os seres humanos...”. Mas só conseguiu ver outras montanhas pontiagudas, que pareciam grandes agulhas.

– Bom dia – disse ele, por via das dúvidas.

– Bom dia... bom dia... bom dia... – respondeu o eco.

– Quem são vocês? – disse o pequeno príncipe.

– Quem são vocês... quem são vocês... quem são vocês... – respondeu o eco.

– Sejam meus amigos, porque estou muito sozinho – disse ele.

– Sozinho... sozinho... sozinho... – respondeu o eco.

“Que planeta engraçado!”, refletiu o pequeno príncipe. “Ele é todo árido, quente e pontiagudo. E os seres humanos não têm imaginação. Só repetem o que os outros dizem... No meu planeta eu tinha uma flor, e ela sempre falava antes de mim...”.



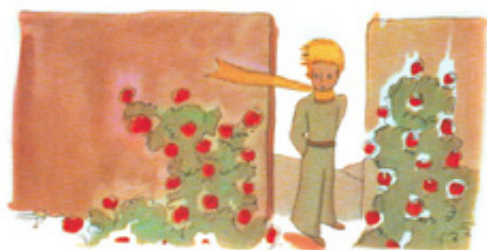
XX

Mas aconteceu que o pequeno príncipe, depois de muito andar através de areias, rochas e campos de neve, descobriu afinal um caminho. E todos os caminhos levam aos seres humanos.

– Bom dia! – disse ele.

Era um jardim repleto de rosas.

– Bom dia! – disseram as rosas.



O pequeno príncipe as observou. Elas eram muito parecidas com a sua flor.

– Quem são vocês? – perguntou ele, surpreso.

– Nós somos rosas – responderam as rosas.

– Ah! – exclamou o pequeno príncipe.

E ficou profundamente triste. Sua flor tinha lhe falado que era a única de sua espécie em todo o universo. E agora estavam na sua frente cinco mil flores muito parecidas com ela, num único jardim!

“Ela ficaria tão envergonhada se visse isto...”, pensou ele. “Provavelmente começaria a tossir de modo exagerado, e até fingiria estar morrendo para escapar do ridículo. E eu teria que fingir preocupação e cuidar dela porque, caso contrário, para me humilhar também, seria capaz de morrer de verdade...”.

E ainda disse consigo mesmo: “Eu me considerava rico por ter uma flor única, e na verdade eu tenho uma flor como outra qualquer. Ela, e meus três vulcões que mal chegam à altura dos meus joelhos, sendo que um deles talvez esteja extinto para sempre... nada disso faz de mim um grande príncipe...”. E, deitado na relva, ele chorou.



XXI

Foi então que apareceu a raposa:

- Bom dia – disse a raposa.
- Bom dia – respondeu educadamente o pequeno príncipe, que se voltou mas não viu ninguém.
- Eu estou aqui – disse a voz – debaixo da macieira...
- Quem é você? – perguntou o pequeno príncipe. – Você é muito bonita...
- Sou uma raposa – disse a raposa.
- Vem brincar comigo – pediu o pequeno príncipe. – Estou tão triste...
- Não posso brincar com você – disse a raposa. – Ninguém me cativou ainda.
- Ah, desculpe! – exclamou o pequeno príncipe.



Mas, depois de refletir um pouco, perguntou:

- O que significa “cativar”?

– Você não é daqui, não é? – disse a raposa. – O que está procurando?

– Procuro seres humanos – respondeu o pequeno príncipe. – O que significa “cativar”?

– Os seres humanos – disse a raposa – têm armas e caçam animais. Isso é detestável! E também criam galinhas. Criar galinhas é a única coisa interessante que eles sabem fazer. Você procura galinhas?

– Não – disse o pequeno príncipe – eu procuro amigos. Mas o que significa “cativar”?

– É uma coisa praticamente esquecida por todo mundo – disse a raposa. – Significa “criar laços”...

– Criar laços?

– Isso mesmo! – disse a raposa. – Você, para mim, ainda não passa de um menino semelhante a milhares de outros meninos. Eu não tenho necessidade de você. E você também não tem necessidade de mim. Eu, para você, ainda não passo de uma raposa semelhante a milhares de outras raposas. Mas se você me cativar, nós teremos necessidade um do outro. Você será o único menino do mundo para mim. E eu serei para você a única raposa do mundo...

– Começo a compreender – disse o pequeno príncipe. – Existe uma flor... e eu acho que ela me cativou...

– É bem possível – disse a raposa. – Na Terra acontece de tudo...

– Oh! Isso não aconteceu na Terra – disse o pequeno príncipe.

A raposa, intrigada, perguntou:

– Isso aconteceu em outro planeta?

– Sim.



- E existem caçadores nesse outro planeta?
- Não.
- Isso é muito interessante! E existem galinhas por lá?
- Não.
- Nada é perfeito – suspirou a raposa.

Mas a raposa retomou sua história:

– Minha vida é bem monótona. Eu caço as galinhas e os homens me caçam. Todas as galinhas são parecidas, e todos os homens são parecidos. Tudo isso me cansa um pouco. No entanto, se você me cativar, minha vida se encherá de luz. O som dos seus passos será para mim diferente de todos os outros. Ao ouvir o som dos outros passos irei me esconder em algum buraco. Já o som dos seus passos me chamará para fora da toca, como se fosse uma música. E observe outra coisa! Está vendo, lá longe, os campos de trigo? Eu não como pão. O trigo para mim não tem nenhum valor. Os campos de trigo não me dizem nada. E isso é triste! Mas você tem cabelos dourados. Então será maravilhoso quando você me cativar! O trigo, que é dourado, me fará lembrar de você. Será muito bom ouvir o som do vento no trigo...

A raposa se calou e observou o pequeno príncipe por um bom tempo:

- Por favor... me cative! – disse ela.
- Eu gostaria muito – respondeu o pequeno príncipe – mas não tenho muito tempo. Tenho amigos para descobrir e muitas coisas para conhecer.
- Só podemos realmente conhecer as coisas que cativamos – disse a raposa. – Os seres humanos não têm mais tempo para

conhecer coisa nenhuma. Eles compram dos vendedores coisas que já vêm prontas. Mas como os vendedores não vendem amigos, os seres humanos não têm mais amigos. Se você quiser um amigo, me cative!

– O que preciso fazer? – perguntou o pequeno príncipe.

– Precisarás ter muita paciência – respondeu a raposa. – Você primeiramente se sentará um pouco longe de mim, como agora, na relva. Eu ficarei olhando para você com o canto dos olhos e você não dirá nada. A linguagem é fonte de muitos mal-entendidos. A cada dia, porém, você se sentará um pouco mais perto...

No dia seguinte, o pequeno príncipe voltou.

– Teria sido melhor você ter voltado na mesma hora de ontem – disse a raposa. – Se você vier sempre, por exemplo, às quatro horas da tarde, desde as três horas eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora avançar, mais feliz eu me sentirei. Às quatro horas, então, já estarei muito agitada e inquieta: terei descoberto o valor da felicidade! Mas se você vier a qualquer hora, eu nunca saberei em que momento devo preparar meu coração... Os ritos são fundamentais.

– O que é um rito? – perguntou o pequeno príncipe.

– É outra coisa também muito esquecida – disse a raposa. – É o que faz um dia ser diferente dos outros dias, e uma hora ser diferente das outras horas. Existe um rito, por exemplo, na vida dos meus caçadores. Eles dançam todas as quintas-feiras com as moças do vilarejo. E por isso toda quinta-feira é um dia maravilhoso! Nesse dia, eu posso passear no vinhedo. Se os caçadores dançassem em qualquer dia da semana, todos os dias seriam iguais, e eu nunca tiraria férias.



E foi assim que o pequeno príncipe cativou a raposa. Mas se aproximou a hora da despedida, e a raposa disse:

– Ah! Eu vou chorar.

– Culpa sua – disse o pequeno príncipe. – Eu não queria que você sofresse, mas você quis que eu a cativasse...

– É verdade – disse a raposa.

– E agora você vai chorar! – disse o pequeno príncipe.

– É verdade – disse a raposa.

– Então você não ganhou nada com isso!

– Ganhei, sim – disse a raposa – graças à cor do trigo.

E acrescentou depois:

– É hora de você rever as rosas. E então você compreenderá que sua flor é a única flor do mundo. Quando voltar para me dizer adeus, eu lhe darei um segredo como presente.

O pequeno príncipe foi rever as rosas:

– Vocês não são nem um pouco parecidas com a minha rosa. Vocês ainda não são nada – disse ele – porque ninguém as cativou e vocês também não cativaram ninguém. Vocês ainda são como a minha raposa era antes. Antes, ela era parecida com milhares de outras raposas, mas agora, por ser minha amiga, tornou-se para mim a única raposa do mundo.

As rosas ficaram aborrecidas com aquelas palavras.

– Vocês são belas, mas são vazias – prosseguiu o pequeno príncipe. – Ninguém terá motivos para morrer por vocês. É claro que um transeunte qualquer, vendo a minha flor, pensaria que ela é igual a vocês. Mas ela é muito mais importante do que todas vocês juntas porque foi ela que eu reguei, porque foi ela que eu coloquei dentro da redoma de vidro, porque foi ela que eu protegi do vento com o biombo, porque foi por causa dela que eu matei as lagartas (só deixando duas ou três para que se tornassem borboletas), porque foram dela as queixas que eu vivia escutando, foram dela as frases cheias de vaidade, ou mesmo o silêncio. Ela é a minha rosa.

E o pequeno príncipe voltou para se despedir da raposa:

– Adeus! – disse ele.

– Adeus! – disse a raposa. – E aqui está o meu segredo, que é muito simples: só conseguimos ver bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.

– O essencial é invisível aos olhos – repetiu o pequeno príncipe, para não se esquecer.

– Foi o tempo que você perdeu com sua rosa que tornou a sua rosa tão importante.

– Foi o tempo que perdi com minha rosa... – repetiu o pequeno príncipe para não se esquecer.

– Os seres humanos esqueceram esta verdade – disse a raposa.

– Mas você não deve esquecê-la. Você se torna para sempre responsável por aquilo que cativou. Você é responsável por sua rosa...

– Eu sou responsável por minha rosa... – repetiu o pequeno príncipe, para não esquecer.

XXII

- Bom dia – disse o pequeno príncipe.
- Bom dia – disse o manobrista ferroviário.
- Qual é a sua atividade? – perguntou o pequeno príncipe.
- Eu separo os viajantes em grupos de mil – disse o manobrista ferroviário – e despacho os trens que os conduzirão, às vezes para a direita, às vezes para a esquerda...

Naquele momento, veio um trem expresso, reluzente, rugindo como o trovão, e estremeceu a cabine do manobrista ferroviário.

– Quanta pressa! – observou o pequeno príncipe. – O que eles estão procurando?

– Nem o próprio condutor da locomotiva sabe – disse o manobrista ferroviário.

E, de repente, no sentido inverso, rugiu um segundo trem reluzente.

- Eles voltam tão rápido assim? – perguntou o pequeno príncipe.
- Não são os mesmos trens – disse o manobrista ferroviário. – Houve uma troca.

- Os passageiros não estavam contentes lá?
- Ninguém está contente no lugar onde está – disse o manobrista ferroviário.

E um terceiro trem reluzente rugiu como um trovão.

– Esses passageiros estão correndo atrás dos que embarcaram antes? – indagou o pequeno príncipe.

- Ninguém corre atrás de nada – disse o manobrista ferroviário.
- Estão dormindo ou bocejando lá dentro. Só as crianças estão acordadas, com o nariz grudado no vidro das janelas.

– Só as crianças sabem o que procuram – disse o pequeno príncipe. – Ficam horas e horas brincando com uma boneca de pano, que se torna muito importante para elas, e se alguém lhes tira a boneca das mãos, não param mais de chorar...

– Elas é que são felizes – concluiu o manobrista ferroviário.

XXIII

– Bom dia – disse o pequeno príncipe.

– Bom dia – disse o vendedor.

Era um vendedor de pílulas inventadas para matar a sede. Basta a pessoa engolir uma dessas pílulas por semana e não terá mais necessidade de beber água.

– Por que você vende isso? – perguntou o pequeno príncipe.

– É uma grande economia de tempo – disse o vendedor. – Os especialistas já fizeram os cálculos. Com esta pílula uma pessoa economiza cinquenta e três minutos por semana.

– E o que uma pessoa pode fazer com esses cinquenta e três minutos?

– Ela pode fazer o que bem entender...

“Se eu tivesse cinquenta e três minutos para gastar”, refletiu o pequeno príncipe, “eu andaria calmamente até uma fonte de água fresca...”.



XXIV

Já estávamos no oitavo dia do meu pouso forçado no deserto. Depois de escutar a história do vendedor enquanto sorvia a última gota de minha reserva de água, eu disse ao pequeno príncipe:

– Ah! Suas lembranças são muito interessantes, mas ainda tenho de consertar o meu avião, a água acabou e eu também ficaria muito feliz se pudesse andar calmamente até uma fonte de água fresca!

– Minha amiga raposa... – ele começou a dizer.

– Meu menino, falar de raposas não vai adiantar nada!

– Por quê?

– Porque vamos morrer de sede...

Ele não compreendeu meu raciocínio, e respondeu:

– É bom termos amigos, mesmo se vamos morrer. Por mim, estou feliz por ter tido uma amiga como a raposa...

“Ele não tem a menor noção do perigo”, pensei, “porque nunca sente fome ou sede. Um pouco de sol lhe basta...”.

Mas ele me olhou e respondeu ao meu pensamento:

– Eu tenho sede também... vamos procurar um poço d’água...

Fiz um gesto de desânimo: é absurdo procurar um poço d’água ao acaso, na imensidão do deserto. No entanto, mesmo assim começamos a caminhar.

Depois de algumas horas caminhando em silêncio, a noite caiu, e as estrelas começaram a brilhar. Eu as contemplava como se estivesse sonhando, meio febril por causa da sede. As palavras do pequeno príncipe dançavam em minha memória:

– Então você também tem sede, é? – eu lhe perguntava.

Mas ele não respondeu à minha pergunta. Disse-me simplesmente:

– A água também pode ser boa para o coração...

Não compreendi sua resposta mas me calei... Eu já sabia que era inútil lhe pedir explicações.

Ele estava exausto. Sentou-se. Sentei-me ao seu lado. E depois de algum tempo em silêncio, ele me disse:

– As estrelas são belas por causa de uma flor que não se pode ver...

– É mesmo. – E, sem falar mais nada, fiquei observando as ondulações da areia à luz do luar.

– O deserto é bonito... – ele acrescentou.

E era verdade. Eu sempre gostei do deserto. Podemos sentar sobre uma duna de areia. Não há nada para ver. Nada para ouvir. E no entanto alguma coisa irradia na areia, em silêncio...

– O que faz o deserto ser bonito – disse o pequeno príncipe – é que ele esconde um poço d’água em algum lugar...

Fiquei surpreso ao compreender subitamente a misteriosa irradiação da areia. Quando eu era menino, morava numa casa antiga, e dizia uma lenda que havia um tesouro enterrado debaixo da casa. Certamente nunca foi encontrado, talvez ninguém sequer tentou procurá-lo. Mas esse tesouro encantava aquela casa. Minha casa escondia um segredo no fundo de seu coração...

– Sim – disse eu ao pequeno príncipe –, o que faz uma casa ser bonita, ou as estrelas ou o deserto serem bonitos, é invisível!

– Fico feliz – disse ele – por você concordar com a minha raposa.

Tendo o pequeno príncipe adormecido, tomei-o nos braços e voltei a caminhar. Eu estava emocionado. Eu me via carregando um tesouro muito frágil. Não havia nada mais frágil sobre a Terra. À luz da lua, eu olhava seu rosto pálido, seus olhos fechados, as mechas de seu cabelo agitadas pelo vento, e pensava comigo: “O que vejo é só uma casca. O mais importante é invisível...”.

Seus lábios entreabertos esboçavam um sorriso, e eu ainda disse para mim mesmo: “O que mais me comove neste pequeno príncipe adormecido é sua fidelidade a uma flor, é a imagem de uma

rosa que brilha nele como a chama de uma lamparina, mesmo estando ele dormindo...”. E eu o senti ainda mais frágil. É preciso proteger a chama das lamparinas: um sopro de vento pode apagá-la...

E foi caminhando assim que, ao nascer do dia, descobri o poço d'água.

XXV

– Os seres humanos – disse o pequeno príncipe – embarcam num trem expresso, mas depois já não sabem o que estão procurando. E por isso começam a se agitar e dão mil voltas sem saber para onde ir...

E acrescentou:

– Nada disso vale a pena...

O poço d'água que descobrimos não se parecia em nada com os poços do deserto do Saara. Os poços do Saara são simples buracos cavados na areia. Já aquele poço era semelhante aos poços dos vilarejos. Mas não existiam vilarejos ali. Era como se eu estivesse sonhando.

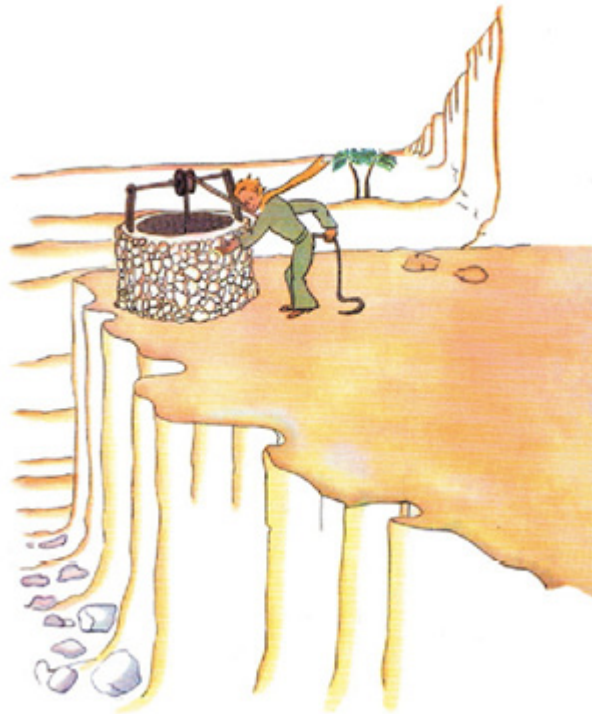
– Estranho – eu disse ao pequeno príncipe. – Está tudo pronto para ser usado: a roldana, o balde e a corda...

Ele riu, pegou a corda e fez a roldana girar. E a roldana gemeu como geme um velho cata-vento quando o vento bate depois de ter passado um bom tempo adormecido.

– Está ouvindo? – disse o pequeno príncipe. – Despertamos este poço, e ele começou a cantar...

Eu não queria que ele fizesse esforço nenhum:

– Deixe-me fazer isso – eu disse. – É pesado demais para você.



Fui içando o balde lentamente até a borda do poço e o deixei bem aprumado. Em meus ouvidos continuava ressoando o canto da roldana, e na água que ainda tremulava eu vi tremular o sol.

– Tenho sede dessa água – disse o pequeno príncipe – deixe-me bebê-la...

E entendi o que ele estava procurando!

Levantei o balde até seus lábios. Ele bebeu de olhos fechados, como se estivesse saboreando um momento de festa. Aquela água não era uma água comum. Ela havia nascido da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço de meus braços. Era boa para o coração, como um presente. Quando eu era menino, as luzes da árvore de Natal, a música da missa da meia-noite, a doçura dos sorrisos, tudo isso fazia brilhar meu presente de Natal.

– Os seres humanos, neste seu planeta – disse o pequeno príncipe –, cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim... e nem aí encontram o que procuram...

– Não, não encontram... – respondi.

– E, no entanto, o que eles procuram poderia ser encontrado numa única rosa ou num pouco de água...

– É verdade – respondi.

E o pequeno príncipe acrescentou:

– Mas os olhos são cegos. É preciso procurar com o coração.

Depois que bebi daquela água, voltei a respirar melhor. A areia, ao raiar do dia, tem a cor do mel. E contemplar ali a cor do mel também me fazia feliz. Mas por que, ao mesmo tempo, eu experimentava uma certa aflição?

– Você precisa cumprir sua promessa – o pequeno príncipe sussurrou em meu ouvido, sentado de novo ao meu lado.

– Que promessa?

– Você sabe... uma focinheira para meu carneiro... Eu sou responsável por aquela flor!

Tirei do bolso os esboços dos meus desenhos... O pequeno príncipe olhou para eles e disse, rindo:

– Seus baobás mais parecem repolhos...

– Oh! – e eu que estava tão orgulhoso dos meus baobás!

– Sua raposa tem orelhas que parecem chifres... e estão compridas demais!

E ele voltou a rir.

– Você está sendo injusto comigo, menino! Até agora eu só sabia desenhar jiboias fechadas e jiboias abertas.

– Oh, fique tranquilo! – disse ele. – As crianças vão compreender.

Desenhei então uma focinheira. Mas senti um aperto no coração quando a entreguei ao pequeno príncipe:

– Você tem planos que eu desconheço...

Mas ele não respondeu, e disse:

– Sabe minha descida aqui na Terra? Então... amanhã completará um ano...

Depois de um silêncio, ele continuou:

– Eu descii perto daqui...

E ficou ruborizado.

De novo, sem compreender o motivo, senti uma estranha apreensão. E me veio uma pergunta:

– Então não foi por acaso que, na manhã em que o conheci, faz oito dias, você caminhava sozinho, a milhares de quilômetros de

qualquer região habitada! Você voltava ao mesmo ponto em que tinha descido, não foi?

O pequeno príncipe ficou ainda mais corado.

E, hesitando um pouco, acrescentei:

– Foi por causa do aniversário, talvez?...

O pequeno príncipe ficou ruborizado de novo. Ele nunca respondia às minhas perguntas, mas quando uma pessoa fica ruborizada significa que a resposta é “sim”, não é?

– Ah! Tenho medo de que... – eu disse.

Mas ele me interrompeu:

– Você agora deve trabalhar. Precisa regressar para a sua máquina. Eu o espero aqui. Volte amanhã à noite...

Mas eu não estava tranquilo. Lembrava-me da raposa. Corremos o risco de chorar um pouco quando nos deixamos cativar...

XXVI

Ao lado do poço d'água havia um velho muro de pedra em ruínas. Quando voltei do meu trabalho, na tarde do dia seguinte, percebi de longe meu pequeno príncipe sentado lá no alto, balançando as pernas. E o escutei falando:

– Mas você não se lembra? Não, não foi neste lugar.

Uma outra voz certamente lhe respondeu alguma coisa, porque o pequeno príncipe replicou:

– Sim! Sim! Foi hoje, sim, mas não foi aqui...

Continuei andando em direção ao muro, mas não enxergava nem ouvia ninguém, a não ser o pequeno príncipe, que replicou novamente:

– ... Certo. Você verá na areia as primeiras marcas dos meus passos. É só me esperar. Estarei lá esta noite.

Eu já estava a vinte metros do muro mas não enxergava ninguém ali.

Após um breve silêncio, o pequeno príncipe falou ainda:

– O seu veneno é bom mesmo? Você tem certeza que não me fará sofrer por muito tempo?



Eu estanquei, o coração apertado, mas ainda não compreendia o que estava acontecendo.

– Agora, vá embora... – disse ele. – Quero descer de novo!

Então baixei os olhos até o pé do muro, e pulei de susto! Lá estava ela, erguida diante do pequeno príncipe, uma dessas serpentes amarelas que matam uma pessoa em trinta segundos. Acelerei o passo, enquanto procurava o revólver no bolso. A serpente, porém, ouvindo o barulho que eu fiz, deixou-se escorregar para a areia, como um fio de água prestes a desaparecer e, sem muita pressa, deslizou por entre as pedras com um leve ruído de metal.

Cheguei perto do muro a tempo de segurar nos braços meu pequenino príncipe, pálido como a neve.

– Que história é essa de você agora conversar com serpentes?!

Desfiz o nó do seu eterno cachecol dourado. Molhei suas têmporas e fiz com que bebesse alguns goles de água. Eu já não tinha coragem de lhe perguntar mais nada. Com o olhar muito sério, ele me envolveu o pescoço com os braços. Senti seu coração bater como o de um pássaro que estivesse morrendo, atingido pelo tiro de uma carabina. E ele me disse:

– Estou feliz por você ter conseguido consertar sua máquina. Agora poderá voltar para casa...

– Como você sabe?

Eu tinha ido justamente contar a ele que, contrariando todas as expectativas, conseguira terminar meu trabalho!

Ele não respondeu à minha pergunta, mas acrescentou:

– E hoje eu também voltarei para minha casa...

Disse ainda, melancólico:

– É muito mais longe... muito mais difícil...

Eu pressentia nitidamente que alguma coisa extraordinária iria acontecer. Apertei-o nos braços como se faz com uma criancinha, mas me parecia que ele estava caindo verticalmente num abismo sem que eu nada pudesse fazer para impedir...

Ele estava compenetrado, o olhar perdido na distância:

– Eu tenho seu carneiro. E tenho a caixa para o carneiro. E tenho a focinheira...

E sorriu, cheio de tristeza.

Esperei durante um bom tempo. Seu corpo pouco a pouco foi recuperando a temperatura normal:

– Meu pequenino, você deve ter sentido muito medo...

Ele tinha sentido muito medo, sem dúvida. Mas sorriu docemente:

– Sentirei muito mais medo esta noite...

De novo experimentei a fria sensação do inevitável. E compreendi que não suportaria a ideia de nunca mais ouvir aquele riso, que era para mim uma fonte de água fresca no deserto.

– Meu pequenino, quero ouvir seu riso sempre...

Mas ele me disse:

– Nesta noite, fará um ano. Minha estrela estará exatamente aqui, sobre o lugar em que desci no ano passado...

– Meu pequenino, essa história de serpente, de encontro marcado e de estrela, não será tudo isso apenas um sonho mau?

Mas ele não respondeu. E disse:

– O que é importante é invisível...

– É verdade...

– É como no caso da flor. Se você ama uma flor que se encontra numa estrela, é muito bom olhar para o céu à noite. Todas as estrelas estarão floridas.

– É verdade...

– É como no caso da água. Aquela água que você me deu para beber era como uma música por causa da roldana e da corda... Você se lembra? Aquela água era tão boa!

– É verdade.

– À noite, você olhará as estrelas. Minha estrela é tão pequena que você não consegue enxergá-la daqui. Melhor assim. Minha estrela será para você qualquer uma das estrelas. E então você gostará de contemplar todas as estrelas... Todas elas serão suas amigas. E em breve eu lhe darei um presente...

Riu ainda uma vez.

– Ah, meu pequenino! Meu pequenino! Gosto tanto de ouvir seu riso!

– Este será o meu presente... será como no caso da água...

– O que você quer dizer com isso?

– Cada um vê as estrelas de forma diferente. Para os viajantes, as estrelas são pontos de referência. Para outras pessoas, as estrelas são apenas umas luzinhas no céu. Para os estudiosos, são objetos de pesquisa. Para o empresário que eu conheci, são como ouro. A nenhum deles, porém, as estrelas dizem alguma coisa. Você terá as estrelas como ninguém as teve até hoje...

– O que você quer dizer com isso?

– Quando você olhar o céu, à noite, eu estarei numa dessas estrelas, e estarei rindo. Nessa hora, você sentirá todas as estrelas rindo também. Para você, as estrelas sabem rir!

Riu ainda uma vez.

– E quando você já estiver conformado (sempre acabamos nos conformando com o passar do tempo), ficará feliz por ter me conhecido. Você será sempre meu amigo. E terá vontade de rir comigo. E abrirá sua janela às vezes, por nada... apenas para sentir essa alegria... E seus amigos ficarão espantados vendo você rir enquanto olha para o céu. E então você dirá: “Sim, as estrelas sempre me fazem rir!”. E eles pensarão que você enlouqueceu. Preparei uma boa brincadeira para você, não foi?

E riu de novo.

– É como dar a você, em lugar das estrelas, um monte de chocalhos que sabem rir.

Riu mais uma vez. Depois voltou a ficar sério:

– Esta noite... você sabe... não é para você vir.

– Eu não deixarei você sozinho.

– Pode parecer que estarei sofrendo... Pode parecer que estarei morrendo. E será assim mesmo. Não venha me ver, não vale a pena...

– Eu não deixarei você sozinho.

Mas ele continuava preocupado.

– Eu lhe peço isso... também por causa da serpente. Para que ela não morda você... As serpentes são más. Podem querer morder por puro prazer...

– Eu não deixarei você sozinho.

Mas de repente uma ideia o tranquilizou:

– Pensando bem, elas não têm veneno suficiente para uma segunda mordida...



Naquela noite, não o vi quando ele começou a caminhar. Ele se foi sem fazer barulho. Quando consegui alcançá-lo, ele andava decidido, com passos rápidos. Ele me disse apenas:

– Ah, você está aí...



E me tomou pela mão. Mas ainda carregava uma preocupação:
– Você errou em ter vindo. Você sofrerá. Pode parecer que eu morri, mas não será verdade...

Eu permanecia calado.

– Compreenda uma coisa: é muito longe daqui. Não posso levar este corpo. É pesado demais.

Eu permanecia calado.

– Será como uma velha casca abandonada. Não é tão triste assim ver cascas velhas...

Eu permanecia calado.

Ele ficou um pouco desanimado, mas fez um novo esforço para me convencer:

– Será bonito, você vai ver. Eu também olharei as estrelas. Todas as estrelas serão poços d'água com uma roldana enferrujada. Todas as estrelas me darão de beber...

Eu permanecia calado.

– Será tão divertido! Você terá quinhentos milhões de chocalhos sorrindo, e eu terei quinhentos milhões de fontes de água fresca...

E ele se calou também, porque estava chorando...

– É aqui. Deixe-me dar este último passo sozinho.

E se sentou, porque sentia medo. E me disse ainda:

– Você sabe... minha flor... eu sou responsável por ela! E ela é tão frágil! E é tão ingênua. Ela só tem quatro espinhos para se proteger contra o mundo...

Eu me sentei porque já não podia me aguentar de pé. Ele disse:

– Pronto... Acabou...

Ele hesitou um pouco ainda, e se levantou. Deu um passo. Eu sequer conseguia me mexer.

Vi apenas um brilho amarelo perto do seu tornozelo. Durante um instante ele ficou totalmente imóvel. Não gritou. E então caiu suavemente como uma árvore sendo derrubada. Não fez nenhum barulho, por causa da areia.



XXVII

Agora já se passaram seis anos... Eu nunca havia contado esta história para ninguém. Os companheiros que me viram voltar são e salvo ficaram felizes com meu retorno. Eu estava triste, mas lhes dizia:

– Ainda me sinto muito cansado...

Agora já estou conformado. Quer dizer... mais ou menos. Sei, é claro, que ele voltou para seu planeta, pois não encontrei seu corpo ao amanhecer. Não era um corpo tão pesado assim... E gosto de escutar as estrelas à noite. É como ouvir quinhentos milhões de chocalhos...

Mas ocorreu uma coisa inesperada. Esqueci de colocar uma correia de couro na focinheira que desenhei para o pequeno príncipe! Ele não conseguirá colocá-la no carneiro. E então eu me pergunto: “O que será que aconteceu no planeta dele? Talvez o carneiro tenha comido a flor...”.

Eu às vezes digo a mim mesmo: “Ele certamente não a comeu! Todas as noites o pequeno príncipe protege sua flor, colocando-a dentro da redoma de vidro, e vigia atentamente seu carneiro...”. Então me sinto feliz. E todas as estrelas riem docemente.

Mas às vezes eu penso o contrário: “É comum as pessoas se distraírem, e basta isso para dar tudo errado! Pode ser que, certa noite, ele tenha esquecido de colocar a redoma de vidro, ou talvez o carneiro tenha escapado no meio da escuridão sem fazer barulho...”. Nessa hora, os chocalhos se transformam em lágrimas!...

Temos assim um grande mistério. Para vocês, que também amam o pequeno príncipe, e para mim, o universo não será igual,

caso um carneiro que não conhecemos, onde quer que esteja, tenha ou não comido uma rosa...

Olhem o céu. Perguntem a si mesmos: “O carneiro comeu ou não a flor?”. E vocês verão como tudo muda, dependendo da resposta...

E nenhum adulto jamais compreenderá como isso é realmente importante!

Esta é, para mim, a mais bela e mais triste paisagem do mundo inteiro. É a mesma paisagem da página anterior, que desenhei de novo para mostrá-la melhor. Foi aqui que o pequeno príncipe apareceu na Terra, e foi também neste lugar que desapareceu.

Olhem atentamente esta paisagem para que estejam certos de reconhecê-la no deserto, caso viajem algum dia para a África. Se passarem por este lugar, não tenham pressa, esperem um pouco bem debaixo da estrela! Se um menino vier em sua direção, sorrindo, com cabelos dourados, sem responder às perguntas que vocês fizerem, saberão quem ele é. Nesse caso, peço uma gentileza: não me deixem tão triste, escrevam-me rapidamente, dizendo que ele voltou...



ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY (1900-1944)

Ao mesmo tempo herói de guerra e homem de letras, vivendo numa Europa marcada pelos dois grandes conflitos que dividiram o mundo na primeira metade do século XX, Saint-Exupéry manifestou seu desejo de um mundo livre e mais justo em livros inesquecíveis como *Voo noturno*, *Terra dos homens* e, de modo especial, em *O pequeno príncipe*, já traduzido para cerca de 200 línguas e dialetos.

O aviador e escritor Antoine de Saint-Exupéry tornou-se um dos autores franceses mais conhecidos do nosso tempo. Seus textos convidam o leitor a experimentar valores humanizadores como a solidariedade e a coragem, o senso do dever e a amizade, a compaixão, o desprendimento, entre outros. Aí reside o “mistério” da sua consagração.

Numa perigosa missão em julho de 1944, o avião que ele pilotava foi abatido no Mediterrâneo pelos nazistas. Seu corpo nunca foi encontrado. Ironicamente, em 2012, o soldado que alvejou o avião do escritor declarou: “Eu só soube depois que era Saint-Exupéry. Eu queria que não tivesse sido ele, porque todos os jovens da minha geração leram seus livros. Nós adorávamos ele”.

GABRIEL PERISSÉ é escritor, professor da Universidade Católica de Santos (SP), doutor em Filosofia da Educação (USP), tradutor, articulista da coluna Versão Brasileira da *Revista Língua Portuguesa*.

Copyright © 2015 Autêntica Editora

Título original

Le Petit Prince

Edição geral

Sonia Junqueira

Edição de arte e projeto gráfico

Diogo Droschi

Revisão

Danielle Oliveira

Livia Martins

Lúcia Assumpção

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Saint-Exupéry, Antoine de, 1900-1944.

O pequeno príncipe / Antoine de Saint-Exupéry ; [ilustrações do autor ; tradução Gabriel Perissé]. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2015.

Título original: Le petit prince.
ISBN: 978-85-8217-581-1

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

15-01483

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5



GRUPO **AUTÊNTICA**

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar . Funcionários
30140-071 . Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional,
Horsa I . 23º andar, Conj. 2301 . Cerqueira César 01311-940 . São
Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Teleendas: 0800 283 13 22

www.grupoautentica.com.br

Anna Göbel & Ronaldo Fraga
apresentam

UMA FESTA de CORES

Memórias de um
tecido brasileiro

autêntica



Uma festa de cores

Göbel, Anna

9788551306321

48 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Estampas falam, cores suspiram... mas só a chita canta e dança." Por meio de imagens que exploram cores e formas, padrões e texturas da chita, com figuras e cenários de festas populares, como o maracatu, as festas juninas, as danças e os folguedos, este livro apresenta e resgata, para leitores de todas as idades, a história de um tecido "democrático", com força e personalidade suficientes para sobreviver à globalização.

[Compre agora e leia](#)

25 contos de
**Machado
de Assis**



•
VERSÕES
INTEGRAIS
E
ADAPTAÇÃO
•

Seleção e organização de
Nádia Battella Gotlib

autêntica

25 contos de Machado de Assis

de Assis, Machado

9788551304600

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Publicadas a partir de 1870, as histórias de Machado de Assis continuam atuais. Se os detalhes são construídos tendo por modelo a cidade e os habitantes do Rio de Janeiro do século dezanove, ou pequenos povoados da província, os comportamentos, posturas, conflitos, emoções, paixões, egoísmos e outros vícios são os nossos de cada dia: os da nossa sociedade, que ainda carrega a carga do patriarcado, do machismo, do escravismo disfarçado e da desigualdade entre gêneros. Com seleção e organização da professora Nádia Batella Gotlib, os 25 contos que compõem este livro – uns mais conhecidos, como A igreja do diabo, A cartomante, Missa do galo, Confissões de uma viúva moça, outros nem tanto, caso de A causa secreta, Curta história, O caso da vara – foram extraídos de diferentes obras e oferecem ao leitor uma importante e prazerosa experiência de descoberta ou de redescoberta do talento desse escritor, considerado um dos maiores da literatura brasileira de todos os tempos.

[Compre agora e leia](#)

Kim



VERSÃO
INTEGRAL
EM
ADAPTAÇÃO

RUDYARD KIPLING

ILUSTRAÇÃO: J. LOCKWOOD KIPLING

TRADUÇÃO: Maria Valéria Rezende

autêntica

Kim

Kipling, Joseph Rudyard

9788551304648

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Kim é um órfão irlandês, o "amigo de todo mundo", que vive ao deus-dará pela cidade de Lahore, na Índia dominada pelos ingleses, até que se torna o discípulo de um lama, um sábio tibetano engajado numa busca mística. Ao mesmo tempo, aproveitando seu grande talento para o disfarce e a facilidade que tem de dominar vários dialetos, torna-se agente do coronel Creighton, o sagaz chefe do Serviço Secreto que investiga os detalhes de uma conspiração na qual espiões russos estão envolvidos. Kim se entrega de corpo e alma ao que, ao longo da narrativa, é chamado de Grande Jogo. Publicado pela primeira vez em 1901, este livro vem encantando e seduzindo várias gerações de jovens e adolescentes em todo o mundo, com as aventuras e a absoluta disponibilidade de Kim, o menino que podia se mover livremente por todo o território indiano, disfarçar-se, viver ao ar livre, sem entraves, quase sem regras.

[Compre agora e leia](#)

Cuore

•
VERSÃO
INTÉGRA
SEM
ADAPTAÇÃO
•



EDMONDO DE AMICIS

ILUSTRAÇÃO: DANIEL HAZAN

TRADUÇÃO: MARIA VALÉRIA REZENDE

autêntica

Cuore

de Amicis, Edmondo

9788551304655

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um livro que encantou gerações e gerações no mundo inteiro. Este clássico da literatura italiana, publicado pela primeira vez em 1886, proporciona uma viagem no tempo para conhecer um pouco da vida do povo e, especialmente, das crianças da Itália no século XIX. O livro é uma espécie de diário de um estudante, escrito ao longo de um ano letivo em uma escola primária, que permite mergulhar na cultura desse país e conhecer hábitos, valores e comportamentos das pessoas no século XIX. Uma leitura extremamente enriquecedora e comovente, que provocará no leitor reflexões sobre as semelhanças e diferenças nas relações e nos valores humanos, o que melhorou, o que ficou pior, o que deveria ser feito para alcançar "o melhor dos dois mundos"... Enfim, uma leitura que, feita de coração aberto e sem perder de vista a época em que foi escrita, certamente vai emocionar.

[Compre agora e leia](#)

O DIÁRIO DE
Gian Burrasca



V A M B A
(LUIGI BERTELLI)
TEXTO E ILUSTRAÇÃO

•
VERSÃO
INTÉGRA
DE
ADAPTAÇÃO
•

TRADUÇÃO: Reginaldo Francisco

autêntica

O diário de Gian Burrasca

Vamba

9788551304624

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Hilariante, encantador: um clássico da literatura italiana para todas as idades. Ilustrado pelo próprio autor e publicado como folhetim entre 1907 e 1908 e, posteriormente, como livro, este diário é uma sátira divertida e aguda das convenções, dos acordos na política e na religião, dos preconceitos de uma sociedade pequeno-burguesa e carola e, principalmente, de uma educação familiar e escolar equivocada. É também o protesto e a revolta de um menino de nove anos contra o mundo conformista e sufocante da "gente grande". Com suas artes e estripulias, Gian Burrasca nos mostra uma visão original do mundo e representa a independência e a originalidade de pensamento e opinião.

[Compre agora e leia](#)